JOAQUIM SALGADO
Engenheiro Mecânico (J.S.T.)

O progresso, a alegria de viver e os nossos lazeres

Perguntem ao homem da rua como é que ele concebe o progresso. Ele falar-vos-á de máquinas que evitam todo o esforço ou de homens tornados máquinas; de lares sem alegria, de cidades mortas, tristes, sem poesia. O vulgar imagina que o progresso é transformar o mundo numa vasta oficina. Isto não entusiasma nada os intelectuais.

O que é bastante natural. Sem dúvida o indivíduo moderno destruiu o moinho de vento cujas grandes asas, semelhantes às dum pássaro, giravam ao sabor dos caprichos de Eolo. A azenha já não deixa girar lentamente a sua roda. A roca da velha, no degrau da sua porta, já não fia mais a lã. O semeador, num gesto magnífico, não confia mais à terra as suas sementes e, nos últimos momentos do pôr-do-Sol, não é uma junta de bois que se destaca no horizonte levando lentamente para a quinta a colheita do dia.

Mas a organização de parques nacionais, de espaços reservados ao longo do mar ou dos rios, dispersando no campo casas de habitação a que se deu uma aparência rústica, a construção de estúdios com largas janelas descobrindo ao longe os campos, tudo isto é possível numa organização metódica dos recursos naturais de forma a oferecer ao homem a mesma poesia, as mesmas alegrias que aquelas que nós lamentamos, as que não eram de resto, até aqui, senão o apanágio de uma minoria privilegiada. Longe de privar a humanidade, uma organização moderna bem compreendida pode pôr os seus benefícios ao alcance de todos aqueles que os sabem apreciar.

Abra-se uma obra de vulgarização científica. Ali se patenteiam os benefícios que o homem pode esperar da Ciência sob a imagem dum «robot» ou, mais simplesmente, dum indivíduo cujas necessidades materiais são satisfeitas quando ele carrega num botão ou engole uma pílula.

Aqui está uma concepção errada dos benefícios a esperar da Ciência, de que de resto alguns vulgarizadores não são únicos responsáveis. É assim que outrora Berthelot, que no entanto era um grande sábio, contribuiu para espalhar a lenda da pílula diária que, no futuro, podia satisfazer todas as necessidades.

Uma tal invenção é contrária a tudo o que nos ensina a fisiologia e a química. Para funcionar de forma durável, o corpo humano tem necessidade de que os seus alimentos ocupem um certo volume e tenham os detritos inutilizados. Além disso a química ensina-nos que, mesmo que aquilo fosse possível fisiologicamente, sem prejudicar os nossos órgãos, nada nos autoriza a pensar que no futuro se possam reduzir a menos de 300 gramas por 24 horas os alimentos calorificamente necessários à actividade normal dum indivíduo que viva num clima temperado. É uma pílula um pouco volumosa!

No entanto a descoberta das vitaminas parece justificar a predição de Berthelot. Novo erro. As vitaminas não são alimentos, sendo necessárias à boa utilização daqueles, mas não poderão substituí-los. De resto a organização científica do Mundo não deve suprimir o esforço mas torná-lo mais frutuoso. O pior serviço que a Ciência poderia prestar à humanidade seria aumentar de tal forma os lazeres do homem que este não sentisse mais a necessidade de trabalhar. Lazeres quase indefinidos anunciariam a decadência irremediável e o fim da nossa civilização como aponta Voltaire em Candide: «Le travail nous protège de trois grands maux: l'ennui, le vice et le besoin».

Os nossos lazeres podem ser proveitosos ou nefastos conforme nós os organizarmos. Para a criança, o tempo passado a brincar não é tempo perdido; o seu corpo e as suas faculdades desenvolvem-se. Pelo contrário, em muitos adultos, os lazeres são muitas vezes mais deprimentes que os dias de trabalho. A partir dos 20 anos muitos indivíduos ficam intelectualmente estacionários, porque empregam mal os seus lazeres. Não progridem senão no ambiente restrito da sua especialidade e ainda por muito pouco tempo. Os lazeres prolongados, que não deixam livres para reflectir, são lazeres mal empregados. Os lazeres passados no meio de uma multidão ruidosa, longe de nos repousarem fatigam os nossos nervos e impedem-nos de reflectir. É na calma e na solidão que nos vêm as ideias mais penetrantes, mas para nos ensinarem a pensar é preciso começar por ver com indiferença as paixões que enchem o espírito e a vida de tantos homens.

Na velhice os lazeres servem-nos sobretudo para rever o passado. É a fonte bem conhecida das lamentações, porque é assim que nós medimos melhor todos os erros ou todas as asneiras que cometemos.

Devemos aprender a bem utilizar os nossos lazeres. É do seu emprego judicioso que depende a nossa formação intelectual na idade madura. Não desejaremos nunca então lazeres mais prolongados do que os que nos são necessários para retomar a nossa missão com um espírito livre. É à acção que nós aspiramos, não ao repouso; e não há lazeres úteis senão os que nos preparam para a acção.